



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

ROBERTA MIRNAS DE OLIVEIRA GOMES

**AUTISMO E ESCOLA: UMA REFLEXÃO DOCENTE ACERCA DO PROCESSO DE
INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO AUTISTA.**

MOSSORÓ

2017

ROBERTA MIRNAS DE OLIVEIRA GOMES

**AUTISMO E ESCOLA: UMA REFLEXÃO DOCENTE ACERCA DO PROCESSO DE
INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO AUTISTA.**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Orientadora: Prof^a Ma. Francisca Monteiro da Silva Perez.

MOSSORÓ

2017

RESUMO

Este trabalho baseia-se em uma experiência docente vivida e sentida no processo de inclusão escolar de um aluno diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista em uma instituição pública da rede estadual de ensino, na qual nos oportunizou tecer práticas pedagógicas fomentadas pelo trabalho colaborativo entre os profissionais envolvidos, numa perspectiva inclusiva. Nesse sentido, procuramos investigar a importância da inclusão escolar para o desenvolvimento das potencialidades do aluno autista. Assim, propomos, através desse estudo, refletir acerca do processo de imersão deste educando no contexto da escola regular de ensino. A pesquisa é de natureza qualitativa e tem como ponto de partida o saber da experiência. Contamos ainda com uma pesquisa de cunho bibliográfico que contempla autores como: Bedaque (2015), Ciantelli, Leite e Martins (2014), Minayo (2011), Larrosa (2001), Pereira, Cruz e Ferreira (2015), Papim e Sanches (2013), Silva (2011) e ainda leis e decretos que regularizam a educação especial. Consideramos este estudo pertinente por se tratar de uma temática atual e pela relevância das discussões propostas, a saber: o autismo e suas principais características, as contribuições da inserção do aluno autista na sala de aula comum e a importância do trabalho colaborativo e das adaptações curriculares para o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: EXPERIÊNCIA DOCENTE; INCLUSÃO ESCOLAR; AUTISMO.

ABSTRACT

This work is based on a documentary experience lived and felt in the process of school inclusion of a student diagnosed with autism spectrum in a public institution of the state education system, in which we have an opportunity to work with pedagogical practices fomented by the collaborative work of the professionals involved in it, in a inclusive perspective. In this sense, we seek to investigate the importance of school inclusion for the development of the potentialities of an autistic student. Therefore, we propose through this study reflect on the inclusion of this school educating process. The research is qualitative and has as its starting point the learning in practice. We also have a bibliographic research that includes authors such as Bedaque (2015), Silva (2011), Ciantelli, Leite e Martins (2014), Minayo (2011), Larrosa (2001), Pereira, Cruz e Ferreira (2015), Papim e Sanches (2013), and even laws and decrees that regulate special education. We consider this study to be relevant because it is a current theme and because of the importance of the discussions proposed to be known: the autism and its main characteristics, the contributions of the autistic student's insertion in the context of the common classroom and the importance of collaborative work and curricular adaptations for the teaching and learning process.

Keywords: TEACHING EXPERIENCE; SCHOOL INCLUSION; AUTISM.

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a educação de estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem ganhado cada vez mais espaço em debates e discussões nas variadas instâncias sociais. Considerado um desafio para a escola e para a família, o processo de ensino-aprendizagem desses educandos precisa ser cuidadoso, inovador e instigador, pois este vai muito além da aquisição de competências e habilidades básicas expressas nos currículos formais, mas perpassa por uma série de questões que antecedem qualquer outra aptidão e conhecimentos acadêmicos.

Cabe ressaltar que “o autismo é uma alteração do desenvolvimento neuropsiquiátrico que afeta três áreas: interesse social, comunicação e comportamentos restritos e repetitivos” (PEREIRA; CRUZ; FERREIRA, 2015, p.1). Diante disso, no contexto educacional comum, torna-se primordial a busca de envolvimento com os seus pares, favorecendo momentos de troca e interatividade, fortalecendo assim a ideia do aprender junto.

Nesse sentido, retomo nesse trabalho de conclusão de curso as memórias vivenciadas no cotidiano escolar, como professora de Educação Especial na Escola Estadual Aldo Fernandes de Melo, situada na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Na instituição, atuo diretamente com um aluno diagnosticado com TEA, na desafiante missão de incluí-lo no ambiente. É através dessa experiência que me inspiro para a elaboração da pergunta de estudo deste trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado- AEE, a saber: Qual a importância da inclusão escolar para o desenvolvimento das potencialidades de um aluno autista?

A experiência acontece com um aluno de 8 anos, matriculado atualmente no 4º ano do ensino fundamental, diagnosticado aos 4 anos com o TEA. Vale salientar que o aluno apresenta dificuldade de comunicação e de linguagem. Em variadas situações, há presença de ecolalias tardias e movimentos estereotipados como pular, bater os dentes, correr e movimentar objetos que estejam ao seu alcance.

O trabalho é realizado em conjunto com o professor titular que media todo o processo no contexto da sala de aula comum e a docente da educação especial, que faz as adaptações curriculares necessárias para o aluno e oportuniza o seu desenvolvimento da linguagem, comunicação, interação e ainda as suas potencialidades acadêmicas. Para Ciantelli, Leite e Martins (2014):

A inclusão educacional de alunos com deficiência e/ou autismo, portanto deve ultrapassar a possibilidade de convivência comum, pois requer uma série de ações educacionais intencionais para que tais alunos tenham acesso ao currículo da escola, pois, caso contrário, a escola se limitará a uma esfera de socialização. (p. 120).

Cabe destacar que a parceria com o profissional do AEE também se faz necessária, haja vista que este dispõe de habilidades específicas que permite o reconhecimento das principais necessidades e potencialidades do aluno.

Segundo Bedaque (2015):

O trabalho colaborativo, segundo Vigotsky (1984,p.97), encontra-se explicitado na sua principal teoria: a zona de desenvolvimento proximal (ZDP). [...] Assim, a ZDP é “algo coletivo”. O trabalho desenvolvido em colaboração com o outro possibilita transcender os limites dos indivíduos. [...] Dessa forma, podemos considerar que a articulação entre o professor de sala regular e o professor especializado pode ser uma ponte para que os profissionais alcancem níveis de aprendizagem superior e os alunos possam avançar no processo de aprendizagem. Nesse sentido, as dimensões da colaboração precisam ser consideradas: professor especialista e professor de sala comum; professor especialista e aluno; professor de sala comum e aluno; aluno e aluno; aluno e demais membros da escola. (p. 32).

Visando o desenvolvimento integral do aluno, o trabalho dos profissionais envolvidos precisa ser imbricado, colaborativo a fim de elaborar estratégias que valorizem as suas potencialidades, e que enxergue as suas necessidades e singularidades.

Logo, este estudo tem como objetivo principal refletir acerca do processo de inclusão escolar de um aluno com TEA em uma escola regular de ensino. Elencamos os seguintes objetivos específicos: conhecer o autismo e suas principais características; refletir acerca das contribuições da inserção de alunos diagnosticados com TEA no contexto escolar; identificar as potencialidades de ensino-aprendizagem através do trabalho colaborativo e de um currículo adaptado.

A discussão acerca do tema em questão será feita de forma cuidadosa e investigativa, através de relatos das vivências. Contamos também com uma pesquisa de cunho bibliográfico que contempla alguns autores como, Bedaque (2015), Silva (2011), Ciantelli, Leite e Martins (2014), Pereira, Cruz e Ferreira (2015), Papim e Sanches (2013) e ainda leis e decretos que regularizam a educação especial. As narrativas da experiência em diálogo com os referenciais teóricos estudados formarão a tessitura desse trabalho.

No decorrer do trabalho, serão discutidos o autismo e as suas principais características. Paralela a esta discussão, serão discutidas as contribuições da inserção do aluno autista no

contexto da sala de aula comum. Por fim, será relatada através de narrativas da experiência vivenciada como docente diante do processo de inclusão do aluno participante dessa pesquisa, onde serão expostas as potencialidades do trabalho colaborativo com professor titular e profissional do AEE, bem como a importância das adaptações curriculares para os avanços do educando.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

A pesquisa é de natureza qualitativa e tem como lócus empírico a experiência vivenciada a partir de minha prática no processo de inclusão escolar de um aluno diagnosticado com TEA. A pesquisa insere-se no cotidiano da Escola Estadual Aldo Fernandes de Melo, localizada na Rua Guaratinguetá, Bairro Lagoa Azul, Zona Norte da cidade de Natal, Rio Grande do Norte. A instituição é de médio porte, possui turmas de 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, e funciona nos três turnos. Possui cerca de 900 alunos, estes em sua maioria residentes do próprio bairro.

A instituição atende também o público alvo da educação especial através da sala de AEE, na qual funciona no turno matutino e vespertino; são alunos da própria escola e também da comunidade. Algumas das necessidades atendidas são: autismo, paralisia cerebral, deficiência intelectual, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade – TDAH, síndrome de Rett etc. Atualmente, a escola conta com três professoras de educação especial, que estão junto aos professores titulares nas salas comuns mediando a aprendizagem desses alunos.

Cabe ressaltar que os sujeitos participantes deste estudo são: a professora de Educação Especial, que tem como função colaborar com o professor titular, na mediação do processo de ensino-aprendizagem do educando especial. Este docente é encaminhado para um aluno específico em sala de aula, este elabora plano de Atendimento Individualizado, relatórios semestrais, ações que visem a plena participação do aluno. A presença do docente da educação especial nas escolas públicas regulares do estado do Rio Grande do Norte, surge a partir de um concurso público realizado em 2016, no qual foram disponibilizadas vagas destinadas aos profissionais com formação em pedagogia. Outros atores desse estudo são: o educando autista, que viveu todo o processo de inclusão na escola; o professor titular, no qual media o processo de ensino-aprendizagem em sala regular e atua juntamente com a professora da educação especial. Por fim, a docente do AEE; que atua diretamente com o educando, bem como, com os professores.

A opção pela pesquisa qualitativa deve-se ao fato de que a mesma trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2011), com o intuito de relatar e refletir acerca das contribuições da inclusão deste educando no espaço escolar para sua vida social e escolar.

O saber da experiência será o ponto de partida dessa pesquisa. Larrosa (2001) nos mostra que:

O saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. (p. 27).

Logo, este saber é tipicamente aquilo que nos acontece, que nos toca e que nos deixa marcas, e a experiência vivida e sentida durante esse processo tem um caráter de singularidade, onde cada indivíduo envolvido, seja professor titular, professora da Educação Especial e do AEE, família e o próprio educando, atribui os seus próprios sentidos.

2.2 Resultados/discussões

Nesse subitem, serão discorridos os resultados de estudos e experiências junto a um aluno com o transtorno autista, onde discutiremos as contribuições da inclusão escolar para o desenvolvimento deste educando, ações que fundamentaram esse processo de inserção no espaço da sala de aula regular, bem como a importância de adaptações curriculares e da rede colaborativa para resolução de dificuldades, planejamento e alcance de objetivos, a fim de buscar as evoluções cognitivas e sociais do sujeito envolvido.

2.2.1 Conhecendo o autismo e suas características

De acordo com a cartilha elaborada pelo Ministério da Saúde- Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtorno do espectro autista (TEA) (2014) -, a primeira definição de autismo como um quadro clínico ocorreu em 1943, através de estudos e pesquisas do médico austríaco Leo Kanner, permitindo, assim, a diferenciação do quadro de autismo de outros como esquizofrenia e psicoses infantis.

Segundo Apa (2000, *apud* CIANTELLI; LEITE; MARTINS, 2014, p.110), o autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento caracterizado essencialmente pela presença de três prejuízos: interação social, comunicação e um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. Os casos do transtorno são mais comuns no sexo masculino e ocorre

antes dos três anos de idade. Outras patologias poderão ser associadas, sendo o retardo mental o mais comum entre elas.

Vale ressaltar que o autismo gera sérios comprometimentos no que diz respeito ao uso de procedimentos não verbais, tais como: relação visual direta, demonstração facial, atitudes corporais e sinais esperados na interação social, e relevante fracasso em desenvolver capacidades de conversação adequadas ao nível de desenvolvimento aguardado (SILVA, 2011, p. 18).

É importante salientar que os sintomas desse transtorno variam amplamente de acordo com a sua classificação, que vai desde o autismo clássico até Distúrbio global do desenvolvimento sem outra especificação (DGD-SOE¹).

Conforme Papim e Sanches (2013), para se realizar o diagnóstico do TEA, faz-se necessário avaliar o caso por uma equipe multidisciplinar capacitada, tendo em vista que por não haver exame clínico que o identifique precocemente, como o de sangue, teste do pezinho, teste da orelhinha, este se torna uma tarefa difícil.

Nessa perspectiva, Petersen e Wainer (2011, *apud* PAPIM; SANCHES, 2013, p.24) nos alertam que:

A avaliação diagnóstica de crianças com suspeita de autismo deve compreender uma observação dos comportamentos desviantes em comparação com aqueles presentes no curso normal do desenvolvimento infantil, em especial nas dimensões de orientação e comunicação social, e não ser apenas uma checagem da presença ou ausência de sintomas. (p. 87).

Partindo desses pressupostos é que percebemos a importância da inclusão de pessoas autistas nos mais variados espaços, seja em escola, universidades, mercado de trabalho. Estes sujeitos precisam ser vistos e valorizados a partir de suas singularidades e potencialidades, eliminando assim qualquer concepção excludente ainda tão presente nos dias atuais.

2.2.2 As contribuições da inserção do aluno autista no contexto da sala de aula comum

Como vimos na sessão anterior deste texto, o TEA afeta várias áreas do desenvolvimento do sujeito, como por exemplo, a incapacidade e dificuldade nas relações sociais, atraso na aquisição da linguagem, comportamentos com tendência a repetições

¹ DGD-SOE: Distúrbio global do desenvolvimento sem outras especificações.

acompanhada de obsessão e insistência em manter o ambiente e até mesmo a sua rotina diária sem nenhuma modificação.

Nesse sentido, sabemos que uma escola inclusiva e/ou de qualidade demanda igualdade de oportunidade para todos, onde o protagonista do aprender/ensinar seja o próprio educando com todas as suas singularidades, entretanto, a inclusão escolar de alunos autistas ainda tem sido considerada um desafio, uma vez que demanda da escola uma proposta pedagógica e metodologia específica, recursos didáticos apropriados, professores capacitados e constante interação com os profissionais da área da saúde como psicólogos e neuropediatra, a fim de garantir os avanços do educando.

De acordo com Ciantelli, Leite e Martins (2014):

Ao se pensar no processo de inserção de alunos com autismo, enfatiza-se a necessidade de favorecer a convivência com pares não semelhantes, ou seja, crianças sem deficiência, possibilitando a oportunidade de trocas interativas em contexto não segregado. (p. 111).

Desse modo, a inclusão de um aluno com TEA começa pela promoção de momentos de trocas e interatividade no cotidiano da escola, favorecendo fortemente a concepção aprender com as diferenças, dessa forma, gradativamente, todos os atores que fazem parte desse processo irão compreender a essência do universo deste aluno e promover a sua evolução no aspecto das relações sociais e educacionais.

Pereira, Cruz e Ferreira (2015) destacam que:

A lei nº 9.394/96 estabelece que a educação é um direito de todos e dever do Estado, e a Educação Inclusiva ganhou destaque no capítulo V, no artigo 58, que entende como Educação especial a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (p.4).

Sabemos que a inclusão não acontece apenas na garantia do direito a matrícula em uma escola regular. Esta perpassa por diversas vertentes, uma dessas diz respeito à garantia do direito à aprendizagem, e isto requer que o professor da sala regular tenha sensibilidade e perceba o quão é fundamental para o educando estar inserido de fato naquele espaço. No entanto, é inegável as inúmeras atribuições do docente frente ao contexto de uma sala de aula, na maioria dos casos são turmas lotadas, com diferentes sujeitos e com níveis distintos de aprendizagem. Dessa forma, o professor de Educação Especial torna-se indispensável, tendo em vista que este desenvolverá um trabalho mais voltado ao aluno especial, planejando e

desenvolvendo atividades pedagógicas junto ao professor titular, buscando assim, o seu efetivo desenvolvimento e a inclusão no espaço da sala de aula comum.

Para a educação de alunos com TEA é preciso que o docente esteja preparado para lidar com a diversidade e limitações presentes nas salas de aula, bem como com as diversas manifestações do transtorno (PAMPIM; SANCHES, 2013). Cabe salientar que o foco central do docente deve estar pautado no desenvolvimento da autonomia deste educando, porém, segundo Papim e Sanches (2013):

Para que essa finalidade seja alcançada é preciso que o mundo para a criança autista seja sinalizado. E, que essa sinalização, atue como agente que permita a interação do sujeito no meio ambiente de forma adequada e condizente com uma interação de qualidade e representativa, possibilitando a troca entre o sujeito e o ambiente. (p. 31).

É inegável que o autismo é uma condição que acompanhará o indivíduo por toda a vida e a educação, com todas as suas contribuições, é uma ferramenta que pode auxiliá-lo a adquirir competências e desenvolver as suas potencialidades, lhe oportunizando, assim, a ter uma vida funcional e autônoma.

O processo de inclusão do aluno autista em salas de aula ultrapassa o acompanhar o currículo comum e adquirir conhecimentos acadêmicos. É preciso tecer metas que o permitam está de fato inserido nesse espaço e avançar no aspecto social e cognitivo. Um dos desafios tem sido a inabilidade nas relações sociais, o apego a rotinas, a hiperatividade, dificuldade na comunicação e linguagem e oscilações comportamentais. A partir da observação desses aspectos, o docente deverá criar estratégias para a superação de desafios, tais como: criar uma rotina diária juntamente com o educando, recorrer a tecnologias assistivas através da comunicação alternativa, em casos onde o aluno não verbaliza, e ainda buscar métodos que permitam que o aluno se concentre na realização de atividade, dentre outros.

No tocante a esse processo, para que a inclusão aconteça se faz necessário adequar a escola às necessidades do educando, e ainda, que o educador conheça as características do transtorno, assim como os métodos e programas desenvolvidos para auxiliá-lo na educação da criança autista (PAPIM, SANCHES, 2013). Diante disso, o aluno além de sentir-se incluído, terá oportunidade de viver momentos que o instigue a interação e participação.

Nesse sentido, Cunha (2009, *apud* SILVA, 2011, p. 19) enfatiza alguns aspectos que o aluno poderá descobrir através da convivência em escolas comuns:

Que as pessoas ao seu redor são importantes; valores de amizade; o afeto, o carinho e o amor; as regras sociais que ajudam a memorização; o convívio com outras crianças; as rotinas diárias que ajudarão sua independência e autonomia; a importância de compartilhar sentimentos e interesses. (p. 61).

Vale destacar que é no âmbito da sala de aula comum que o aluno diagnosticado com TEA irá aprender a conviver com os seus pares, desenvolver sua autonomia, suas aptidões, bem como aprender a lidar com as diferenças e a superar suas limitações.

2.2.3 Trabalho colaborativo e adaptações curriculares: relatando experiências

Vimos anteriormente que o processo de inclusão escolar de alunos com o transtorno autista não é uma tarefa fácil, a experiência relatada nesse tópico evidencia essa concepção. Inicialmente, é importante destacar que o educando participante dessa pesquisa é uma criança de oito anos, matriculada no 4º ano do ensino fundamental, diagnosticado com TEA aos quatro anos de idade. O transtorno em que o aluno é diagnosticado recebe o CID² f84 – Transtornos globais do desenvolvimento.

O aluno apresenta atraso no desenvolvimento comportamental, bem como na comunicação e linguagem. Fala palavras soltas muitas vezes fora de contexto, tais como: campeão, ônibus, mala; tem comportamentos estereotipados e dificuldade acentuada de concentração. Cabe ressaltar que antes do desenvolvimento do trabalho que será relatado, o aluno apresentava dificuldade de relacionar-se com seus pares, demonstrava aversão a barulhos em sua volta, era totalmente dependente, permanecia o tempo todo cabisbaixo e em silêncio, evitava qualquer contato visual, não demonstrava nenhuma resposta e interesse na realização de atividades e ainda apresentava dificuldade de permanecer em sala, ficando o tempo todo irritado e agitado.

Partindo das constatações iniciais, o trabalho começa através do contato entre família, professor titular, professora da educação especial e professora do AEE onde com o intuito de buscar os avanços no aspecto social e cognitivo traçamos alguns objetivos. O contato com a professora do AEE foi fundamental, uma vez que o aluno já frequentava de maneira assídua, duas vezes por semana, o atendimento, com isso, a mesma conhece as suas particularidades, suas principais necessidades, bem como aquilo que mais o atrai. Antes da execução dessas ações, buscamos também colher, através do contato com o próprio aluno, os seus

²CID: Classificação Internacional de Doenças.

conhecimentos prévios e ainda aquilo que o mesmo precisaria avançar, para isso foram realizadas algumas atividades diagnósticas.

Cabe destacar que educando nunca havia frequentado a escola regularmente, pela dificuldade de permanência em sala sem nenhum acompanhamento específico. Essa frequência regular e a permanência no horário integral começam apenas a partir da chegada da docente da educação especial que realiza um trabalho voltado às necessidades do mesmo.

Partindo desses momentos, foi possível observar que a rede colaborativa no espaço escolar se configura quando as práticas pedagógicas inclusivas consideram as potencialidades do estudante. Para que essa parceria seja efetivada, propõe-se um trabalho de troca de saberes/fazer entre profissionais envolvidos no processo. Desse modo, a elaboração e execução de um trabalho colaborativo requer planejamento, e para que este se estruture, é preciso espaços e momentos para a concretização de ideias e ações vislumbrando sempre o ator principal, o educando.

Logo, chegamos à conclusão daquilo que precisava ser trabalhado com o aluno de modo intensificado e prioritário, a saber: construção de autonomia nas atividades cotidianas, estruturação de uma rotina em sala, socialização, permanência em sala, adaptação ao intervalo, participação da dinâmica da turma e desenvolvimento da linguagem verbal. Em seguida, percebemos a importância de realizar adaptações curriculares necessárias, uma vez que, por não ser alfabetizado, o aluno não acompanhava o nível de aprendizagem da turma. Carvalho (2010, p.13, *apud* SILVA, 2011) salienta que “Repensar o currículo e as metodologias utilizadas é da maior urgência para evitar os elevados e inaceitáveis índices de fracasso escolar com que temos convivido”.

Tais adaptações nos currículos formais se fazem necessárias, vislumbrando principalmente a metodologia que atrai mais o educando e ainda aquilo que podemos obter melhores resultados, no caso em questão, percebemos ao longo do tempo que jogos, brincadeiras, atividade com imagens e utilizando materiais concretos instiga a participação do aluno e permite evoluções significativas.

Vale ressaltar que o principal desafio observado consistiu no processo de adaptação do aluno à rotina da sala e estar junto dos seus pares nos variados momentos. No entanto, com os estímulos contínuos, como as atividades em grupo, esses paradigmas foram sendo quebrados, e, atualmente, o educando já procura por iniciativa própria os colegas de turma em momentos de brincadeiras e de realização de tarefas, expressando até mesmo os seus sentimentos por meio do afeto.

A rotina estruturada foi elaborada através dos PEC's (*Picturing Exchanging Communication System*), ou seja, um sistema de comunicação por meio de troca de figuras, na qual facilita a memorização da sequência de atividades, por exemplo: atividade em sala, leitura, lanche, intervalo etc.

Se tratando da metodologia utilizada nesse processo, acatando as sugestões da docente do AEE, procuramos desenvolver um trabalho implicado enxergando as características do transtorno e principalmente as singularidades do aluno. Aspectos como tarefas curtas, materiais pedagógicos que estimulem o raciocínio, atividades lúdicas utilizando objetos de seu interesse e os movimentos do próprio corpo, desenvolvimento de autonomia através de atividades cotidianas como ir ao banheiro, tomar água e alimentar-se sem nenhuma intervenção, foram trabalhados no cotidiano.

É importante destacar que no início do processo, percebemos a necessidade de realizar um trabalho fora do espaço da sala de aula, uma vez que, em variados momentos o aluno resistia a está neste ambiente. Como isso, recorriamos a sala de leitura e quando possível, a sala de recurso multifuncional, onde utilizávamos alguns materiais didáticos para mediar a aprendizagem do aluno.

Nesse sentido, é fundamental enfatizar que todo o trabalho desenvolvido pela docente de educação especial é realizado em consonância com aquilo que é trabalhado pelo professor titular da sala. A docente faz as devidas adaptações para as abordagens dos conteúdos, bem como das atividades e avaliações, partindo da realidade do educando.

Cabe destacar que após um ano em que o trabalho foi iniciado, muitos avanços foram conquistados. Estes ultrapassam conhecimentos e habilidades acadêmicas, a saber: O aluno encontra-se adaptado à rotina da sala e também da escola, desenvolve atividades diárias com autonomia, interessa-se pelas relações sociais, verbaliza palavras para demonstra desejos e emoções, apresenta interesse pelas atividades propostas etc. Em relação ao progresso na aprendizagem, este tem sido considerado um desafio a ser identificado e avaliado, haja vista que o educando pouco expressa o que foi apreendido daquilo estudado. No entanto, constatamos que o aluno já consegue reconhecer vogais, letras do seu nome, cores, numerais de 0 a 9 e realiza contagens e adições simples.

O currículo adaptado e o trabalho colaborativo entre profissionais e a própria família do aluno é um elo no qual permite evoluções significativas, principalmente no que diz respeito ao cognitivo e social. O diálogo entre os sujeitos envolvidos nos proporciona conhecer o aluno e as suas singularidades para que assim possamos elaborar um currículo

baseado em informações concretas, e não apenas em suposições. Dessa forma, ficamos conscientes do que ensinar, como ensinar, quando ensinar como e quando avaliar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que no cenário atual, o processo de inclusão de alunos com o transtorno autista nas escolas regulares ainda tem sido considerado um grande desafio para família, docentes e demais membros da comunidade escolar. Isso se deve ao fato de que a nossa formação inicial docente tem deixado lacunas quanto à educação especial, gerando uma série de questões e dilemas vividos no cotidiano.

Partindo dessa premissa, cabe ressaltar que profissionais da educação especial e profissionais da educação comum devem estar engajados em conhecer as necessidades do aluno e buscar constantemente estratégias nas quais farão com que o aluno especial supere suas limitações e avance em diferentes aspectos.

A experiência vivida durante a inclusão do educando participante dessa pesquisa nos faz refletir acerca da importância da escola, com suas múltiplas dimensões que lhe são inerentes para a vida social e educacional de todo sujeito. Através deste espaço, o aluno teve a oportunidade de estar junto aos seus pares diariamente, ter uma vida mais funcional e autônoma, experimentar diversas aprendizagens, sentir-se imerso e constantemente convocado à participação e interação, e ainda fazer com que os sujeitos do seu entorno quebrassem qualquer estereótipo e preconceito.

No tocante da inclusão escolar, faz-se necessário de todos os envolvidos, formação continuada, rede colaborativa, adaptações curriculares, diálogo mútuo, troca de saberes e fazeres, sensibilidade, planejamento e ações pedagógicas consistentes. O autismo com todas as suas especificidades não pode ser visto como entrave para que o indivíduo evolua, mas é preciso nos implicarmos e buscarmos conhecer e entender o seu universo e formas de se inserir nesse universo, para que assim seja possível alcançar as possibilidades de suas evoluções.

REFERÊNCIAS

BEDAQUE, Selma Andrade de Paula. O Atendimento Educacional Especializado e A Colaboração e a Criação no Processo de Transformação da Escola no Atendimento às Diferenças. *In: Atendimento Educacional Especializado*. Ed. UFERSA: Mossoró, 2015.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Senado Federal. Brasília: MEC 2006. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/proen/ldb_11ed.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Brasília: Ministério da saúde, 2014. 86 p. Disponível em <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.

CIANTELLI, A. P. C; LEITE, L. P.; MARTINS, S. E. S. O. **O transtorno global do desenvolvimento na educação inclusiva: escola comum ou escola especial?** Práxis educacional. Vitória da Conquista, v. 10, n. 16, p.105-127, jun. 2014.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o Saber de Experiência**. Espanha: Huahuhua, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, 2011.

PAPIM, A. A. P; SANCHES, K. G. **Autismo e inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do atendimento educacional especializado em sua prática com crianças com autismo**. 2013. Disponível em:<<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56194.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

PEREIRA, C. F. A; CRUZ, K. da; FERREIRA, S. P. A. **Inclusão de Estudantes com o Transtorno do Espectro Autista: Um estudo sobre o atendimento em uma escola pública municipal da cidade de Abreu e Lima**.2015.Disponível em: <https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/.../inclusao-de_estudantes.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SILVA, Evaldo Alves da. **Os desafios do autista no cotidiano escolar**.2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2340/1/2011_EvaldoAlvesdaSilva.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.